

Representações sobre as populações sertanejas na obra *Explorando e viajando três mil Milhas através do Brasil*.

AETE FAGUNDES SOARES DA SILVA

Este artigo resulta da pesquisa de mestrado que estou desenvolvendo e que se encontra em estágio inicial. Nesse texto, meu objetivo é compreender as representações sobre as populações sertanejas do final do século XIX, que estão presentes na literatura de viagem intitulada *Viajando e explorando três mil milhas através do Brasil*, do engenheiro britânico James W. Wells.

Roger Chartier é um dos historiadores que contribuíram com a crise da história das mentalidades ao discordar de vários aspectos que a constituía. Ele questionou, entre outros aspectos, seu viés quantitativo e a sua relação de dependência com a longa duração.

Sua proposta de pensar a cultura diferentemente da maneira praticada até então, isto é, o cultural não dissociado do social e do econômico, tornou-o um dos criadores de uma nova forma de pensar o campo cultural.

Para ele, era preciso “pensar como todas as relações, incluindo as que designamos por relações econômicas ou sociais, se organizam de acordo com lógicas que põem em jogo, em acto, os esquemas de percepção e de apreciação dos diferentes sujeitos sociais”(CHARTIER, 1990,p.66).

Segundo este historiador, a história cultural deve apreender os objetos, as formas e os motivos do mundo real, onde os atores sociais objetivam um mundo tal como pensa que ele é ou que gostariam que fossem. Assim, o mundo como representação é construído pelos atores por meio de símbolos e objetos.

Desta forma, através da leitura que realizei da obra do viajante, a minha proposta é de compreender as representações sobre as populações sertanejas em James Wells, o que significa compreender as interpretações que o viajante fez da realidade destas populações no final do século XIX.

Por isso, o conceito de representação proposto por Chartier para o trabalho com a história cultural é imprescindível para esta pesquisa, uma vez que ele propicia trabalhar com “documentos” produzidos por grupos sociais mais favorecidos, sem

necessariamente ter que reafirmar as concepções neles expressas. A análise dessas representações favorece a compreensão do sentido social conferido a realidade, posto que os textos não conseguem apreender a realidade social tal como ela é ou era.

Analisando os gêneros discursivos, Mikhail (BAKHTIN, 1997) entende que ao usarmos a língua na comunicação, quer seja escrita ou oral, estamos adotando algum gênero do discurso, que se constitui em uma grande variedade. Desde “a curta réplica o diálogo cotidiano, a carta, a ordem militar padronizada, (...) e todas as formas literárias (desde o ditado até o romance volumoso”(BAKHTIN, p.280).

Todo gênero discursivo está associado a uma dada função e a condições próprias de cada âmbito da comunicação verbal. Assim, a função e as condições específicas da comunicação verbal são primordiais para a constituição de um enunciado “estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.” A individualidade é uma característica marcante dos gêneros discursivos e se faz mais ou menos presente nos enunciados dependendo do teor de formalidade do estilo (OLIVEIRA, p.14).

Os gêneros do discurso foram divididos por Bakhtin em primários e secundários, sendo que estes adotam elementos daqueles. Os exemplos do primeiro tipo de gênero são o diálogo, a carta e o diário. Enquanto nos secundários temos o romance, o discurso científico e ideológico e o teatro.

Desse modo, adoto a perspectiva de que a literatura de viagem é um ‘gênero referencial’ e que difere do gênero literário. Enquanto esse tem a verossimilhança como um dos horizontes, a literatura de viagens tem o compromisso com a verdade. Seu tempo é o presente e nem sempre existe identidade entre autor-narrador. ‘O importante é que, se o autor utiliza a primeira pessoa, não é para falar do personagem principal da história’(OLIVEIRA, p.17).

A literatura de viagem intitulada *Explorando e Viajando Três mil milhas através do Brasil*, resultou das viagens de Wells pelo Brasil, iniciadas a partir de 1873.

Em 1886 a obra foi publicada em dois volumes, em Londres, por Sampson, Low, Marston, Searle and Revington, com mapas e ilustrações do autor. No mesmo ano foi lançada uma edição americana (Filadelfia: J. B. Lippincott Company) e no ano de 1887 saiu uma segunda edição revista pelo mesmo editor Londrino.¹

¹Estas informações constam no comentário de MARTINS, Roberto Borges.In; WELLS, James W.

Essa obra ficou praticamente esquecida no que se refere a outras publicações além daquelas já mencionada por cento e sete anos, quando no Brasil, o Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro em parceria com a Fundação Vitae, FAPEMIG e Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) possibilitaram uma edição brasileira da obra de Wells.

Dentro da Coleção Mineirinha foi publicada em 1995 a obra intitulada *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil - do Rio de Janeiro ao Maranhão*. Esta contou com a tradução de Myriam Àvila e a introdução do historiador inglês Christopher Hill. Saiu em dois volumes incluindo dois mapas, que ficam no final do segundo volume, algumas ilustrações e vários apêndices confeccionados pelo viajante.

Wells era um engenheiro inglês que partiu de Juíz de Fora em Minas e terminou seu trajeto no Maranhão. Integrava uma equipe de engenheiros organizada pela Public Works Construction Company, de Londres, contratada pelo imperador brasileiro para traçar o trecho final da Estrada de ferro Pedro II, estendendo os trilhos desde os vales dos rios Paraopeba e São Francisco até a cidade de Pirapora. O objetivo era ligar a ferrovia à navegação do rio São Francisco. Porém, Wells não seguiu o primeiro percurso devido às mudanças dos planos por seus superiores, mas adotou a rota do rio das Velhas.

Wells não veio ao Brasil no final do século XIX com o objetivo de recolher informações sobre o território. Ele veio para trabalhar e ganhar dinheiro. Sendo jovem e recém-formado em engenharia, tinha o sonho de estruturar-se financeiramente no Brasil.

Sua função exigia que todas as atividades realizadas ao longo dos dias, meses e anos de trabalho fossem descritas e relatadas. Foi dessa forma que outras questões observadas por Wells ganharam espaço em suas anotações. Até por que estas outras questões se relacionavam ao trabalho que ele desenvolvia.

O viajante relatou os costumes do povo do interior brasileiro, apontando aspectos dos seus modos de falar, vestir, morar, alimentar, divertir e trabalhar.

Wells e os sertanejos

Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil. Belo Horizonte: FJP/CEHC, 1995.

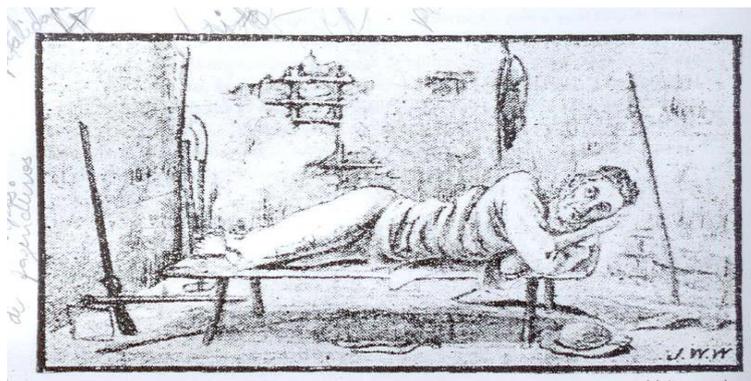


FIGURA 1 – Com a seguinte legenda: “muito ocupado”.

FONTE: WELLS, J. James, 1995, p. 215.

A expressão “muito ocupado”, que aparece na legenda da figura 1, é bastante sugestiva para a discussão da noção de preguiça dos sertanejos no relato de Wells, pois nos apresenta de maneira irônica a forma como o autor percebeu que os sertanejos se relacionavam com o trabalho. Ao se deparar com uma forma diferente de lidar com o trabalho, que por sinal predominava em quase todo o território brasileiro, o engenheiro inglês demonstrou uma sensação de espanto e utilizou a ironia para expressar essa sensação.

A figura 1 é uma forma de representar o que, na concepção de Wells, era a “ocupação” para os habitantes do interior do Brasil: um homem deitado no banco com a tez descaída, enquanto seus instrumentos de trabalho estavam encostados pelos cantos da sala de uma casa que se deteriorava com o passar do tempo. Podemos observar esses detalhes na parede ao fundo com alguns buracos, demonstrando que o reboco estava se desfazendo.

Esta figura resultou da experiência do engenheiro de procurar trabalhadores na região de Buriti comprido, em Minas Gerais, para ajudá-lo no mapeamento do trajeto. Wells se refere a essa experiência da seguinte forma:

Um homem que cochilava em um banco, em resposta à minha pergunta se ele queria ou não trabalhar para mim, deu um terrível bocejo e disse que talvez em uma semana ou duas pudesse ir, mas que agora estava muito ocupado; ele parecia ter passado uma semana dormindo. (WELLS, I, p.215)

O viajante demonstra em seu relato um sentimento de indignação mediante a postura dos sertanejos quando ele os procurava para trabalhar. Ao escolher uns poucos homens para “trabalhar comigo, mas foi me dado a entender que estavam fazendo um grande favor em entrar ao meu serviço”. (WELLS, I, p. 215)

A forma específica dos trabalhadores livres ou sertanejos do interior do Brasil de se relacionarem com o tempo incomodou o inglês. Alguns elementos como a ausência de divisão do trabalho e a variedade de tarefas ligadas à agricultura, à criação de animais, à pesca e ao artesanato desempenhada pelos sertanejos comprova a intensa relação que existia entre essa forma de trabalho e a “lógica irregular da natureza”².

Para Wells, originário de uma cultura na qual as mudanças em relação ao tempo iniciadas desde o século XIV exerceram grande influência na “fase de transição para a sociedade industrial, propiciando uma reestruturação rigorosa dos hábitos de trabalho e criando novas disciplinas” (THOMPSON, 1998, p. 297-98) era inadmissível a postura dos sertanejos para com o trabalho.

Assim, diante da predominância dos hábitos “desleixados dos sertanejos”, Wells aponta como essa situação poderia ser revertida, relatando a engenhosidade da família Mascarenhas, na região de Tabuleiro Grande, em Minas, que mantinha uma fábrica de algodão muito próspera. Wells entende o empreendimento dos Mascarenhas como algo sem precedentes nestas regiões interioranas do Brasil.

Atrás da fábrica ficavam as casas dos trabalhadores que eram alimentados em um grande galpão. Sobre os trabalhadores, Wells infere que “Eles pareciam felizes; estavam decentemente vestidos, suas pessoas e casa eram limpas, eram econômicos, trabalhadores, sóbrios e bem-comportados.”(WELLS, I, p. 181) A isso o viajante acrescentou que a “diligência e a disciplina” mudaram completamente as vidas dos trabalhadores tornando-as diferentes do “habitual esbanjamento, semidesnutrição e inutilidade de suas vidas”.

Outra vez o viajante apresenta sua reprovação em relação aos costumes dos habitantes do interior. Em Itaipava, “vêm-se os homens e muitas das mulheres balançando em suas redes; pois eles desperdiçam seus dias dormindo e suas noites em orgias de cachaça e canções e danças selvagens”. (WELLS, I, p. 265)

O vilarejo de Itaipava aparece na descrição do viajante Wells como “lares desleixados da preguiça” (WELLS, I, p.265). O viajante se utiliza da hipérbole, uma figura de linguagem, para representar o local, provavelmente, porque na concepção do viajante, o ato de descrever os moradores apenas como preguiçosos, como foi feito para

² BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX**. São Paulo: Unesp, 2002, p. 01-243.

outros lugarejos, era insuficiente para expressar a quantidade de preguiça lá existente. Por isso, Wells optou por chamar Itaipava de local onde a preguiça escolheu para morar.

Quando chegou a Itaipava, o viajante pagou os remeiros que ele contratou para levá-lo àquelas paragens e é nesse trecho que ele comenta sobre a presença da prostituição no vilarejo e em Pirapora. Assim, Wells utiliza a ironia para referir-se à prostituição: “Paguei aos homens seu preço estipulado e merecido de dez mil-réis, que lhes proporcionará uma ‘diversão’ entre suas amigas sonolentas no vilarejo e em Pirapora” (WELLS, I, p. 265).

Em outra passagem, Wells aponta que o “matuto brasileiro é um lenhador” incomparável, ele “entende e gosta do serviço”, porém, é muito difícil convencê-lo a trabalhar, pois ele só o faz para adquirir um pouco de “dinheiro para si e sua família” (WELLS, I, p. 105). Já na cidade mineira de Pirapora, a pesca é a principal fonte de alimentação dos habitantes “e seu único estímulo para qualquer esforço que seja é para conseguir cachaça, roupas de algodão e um pouco de farinha” (WELLS, I, p. 269).

Para o inglês, os sertanejos só despendiam um pouco de esforço para conseguir suas necessidades básicas ou imediatas. Desses trechos é possível inferir que para o viajante os trabalhadores sertanejos viviam em uma economia de subsistência. Apesar de Wells não utilizar este termo, seus relatos nos remetem a ideia de subsistência “como sinônimo de atraso em relação a agricultura capitalista” (CORMINEIRO, 2010, p. 123).

Diante disso, percebemos que Wells representa os sertanejos de forma estereotipada, tratando-os como preguiçosos, afeitos aos festejos e ao erotismo.

È importante enfatizar que esse trabalho é apenas uma leitura inicial do relato do Wells. Reconheço a necessidade de ultrapassar essa fase e acredito que ao longo da pesquisa isso será possível.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX**. São Paulo: Unesp, 2002, p. 01-243.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/B. Brasil, 1990.

CORMINEIRO, Olívia Macedo Miranda. **Trilhas, veredas e ribeiras: os modos de viver dos sertanejos pobres nos vales dos rios Araguaia e Tocantins (séculos XIX e XX)**. Universidade Federal de Uberlândia, 2010. (Dissertação de Mestrado)

OLIVEIRA, Rosa Meire de Carvalho. **Diários Públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. In: www.bocc.ubi.pt.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial. In: _____. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 267-304.

WELLS, James W. **Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil**. Belo Horizonte: FJP/CEHC, 1995.